

A DEVOÇÃO DO PRESÉPIO BAIANO

Livia Maria Baêta da Silva*
Edilece Souza Couto**

Resumo: *A presente pesquisa consiste em mostrar a trajetória da tradição do presépio na Europa até a chegada ao Brasil. No século XIII, São Francisco de Assis, em Greccio, deu uma expressão mais real a Natividade. A partir de 1400, o modo de representação da Natividade foi modificando conforme o estilo e a mentalidade da época, com técnicas, formas e materiais variados. O Presépio chegou ao Brasil por volta de 1500, trazido pelos colonizadores e jesuítas portugueses, que primeiramente armavam presépios como forma de catequização, depois se expandindo por todo o território nacional com os colonizadores. Na Bahia, o presépio teve seu auge entre os séculos XVII e XVIII, nas igrejas, conventos, abadias e casas mais importantes da cidade, depois caindo no gosto popular. A partir do século XIX a tradição dos presépios começa a entrar em declínio. Um grande pólo na confecção dos presépios baianos foram os conventos femininos, tendo dois destes mais destaques por serem grandes difusores dessa tradição, o Convento de Nossa Senhora dos Humildes em Santo Amaro da Purificação e o Convento de Nossa Senhora do Desterro em Salvador. A comemoração da Natividade se estende do nascimento até a chegada dos Reis, é o conhecido ciclo das janeiras ou as doze noites.*

Palavras-chave: Festas religiosas; Memória; Devoção baiana.

INTRODUÇÃO

O presente artigo faz uma discussão sobre o surgimento do presépio na Europa e sua propagação pelo mundo através do cristianismo. O levantamento bibliográfico realizado ao longo da pesquisa mostra como o presépio surgiu e de que forma ele foi modificando na sua representação plástica através dos tempos, sendo levado a vários países pela expansão colonizadora.

Na Idade Média, surgiram várias manifestações, ritos religiosos e espetáculos cômicos (BAKHTIN; 1993). Dentre essas manifestações tem-se a representação da Natividade, que tomou variadas formas de apresentação, sendo propagado no mundo pela religião cristã. Com o presépio, surgiram também outras manifestações religiosas: ranchos, reisados, ternos de reis, pastoris, dentre outras que complementam esse quadro de festas religiosas natalinas.

O culto ao Menino Deus se propagou a partir do próprio fato histórico, o nascimento. Depois, se espalhou através das cenas da Natividade em iluminuras, pinturas, relevos, oratórios, autos, teatros de bonecos feitos desde a era pré-cristã na Roma Antiga. Por meio das representações da Natividade, foi criado o primeiro presépio plástico, como forma mais real de saudar o Menino Deus, criado por São Francisco de Assis, no século XIII.

No século XV, essa representação plástica da Natividade chegou aos países europeus de religião cristã, principalmente à Portugal e a Espanha, sendo estes um dos propagadores dessa tradição. Esses países, como em outros de religião cristã, festejavam o Natal com bastante animação e alegria, onde representavam através de autos e peças natalinas a adoração dos pastores e o nascimento do Menino Deus, (BURKE; 1989). Esta arte chegou ao Brasil, por volta de 1500, com os colonizadores e jesuítas portugueses.

* Graduanda de Museologia / UFBA. Bolsista do PIBIC/CNPq/UFBA. E-mail: liubabaeta@yahoo.com.br.

** Professora Doutora do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História /UFBA. E-mail: edilece@ufba.br.

No Brasil, primeiramente, as cenas da Natividade eram meras cópias da representação portuguesa. A partir do século XVIII, a forma de representação se tornou mais nacional, com elementos característicos do povo brasileiro e de sua natureza, como um todo.

O maior pólo produtor de presépio foi a Bahia, tendo essa arte se desenvolvido nas igrejas, conventos, abadias e, posteriormente, nas casas nobres das cidades e logo após, atingindo toda população. Os conventos femininos na Bahia ficaram afamados pelas confecções de presépios e de seus adereços, por todo o Brasil. Dois desses conventos se destacaram nessa arte: o Convento de Nossa Senhora dos Humildes (hoje, Museu dos Humildes), em Santo Amaro da Purificação, e o Convento de Nossa Senhora do Desterro, em Salvador.

Hoje, instituições (museus) públicas e particulares têm em suas coleções presépios produzidos pelos conventos femininos, famílias nobres e artistas plásticos (barristas¹, presepistas e bonequeiros) da Bahia. Tem-se: o Museu de Arte Sacra/UFBA, o Museu Abelardo Rodrigues/IPAC, o Museu Henriqueta Catarino, o Museu do Presépio de Salvador, o Museu de Arte da Bahia, o Museu Carlos Costa Pinto, o Museu dos Humildes, dentre outros que, na condição de preservar essa arte secular, porque não dizer milenar, abrigam-na para melhor preservação da memória cultural do povo baiano.

A HISTÓRIA DOS PRESÉPIOS

O culto ao Menino Deus começou no ano I de nossa Era, com o seu nascimento. Anos após a morte de Jesus Cristo, começaram a aparecer representações da sua Natividade nas catacumbas e grutas da Roma Antiga, por meio das iluminuras, pinturas e relevos feitos pelos cristãos em sarcófagos, paredes e tumbas, (CARVALHO; 1996). Em 1223, na cidade de Grécio, São Francisco de Assis, (BRAGA; 2000), no desejo de dar expressão mais real à cena da Natividade, construiu um presépio plástico primitivo, constituído apenas da Sagrada Família, dos anjos, pastores e animais em volta da manjedoura. São Francisco de Assis soube mostrar diferenciação e simplicidade, que segundo Carvalho (1996):

A singularidade do presépio de Grécio é que ele, o seu idealizador, soube expressar plasticamente, de forma simples e realista, acessível a todo homem, a atualização do mistério do nascimento histórico no mistério sacramental da eucaristia. (CARVALHO; 1996, p. 14).

Os presépios, até o século XVII, eram armados somente nas igrejas, conventos e abadias, pois, quem obtinha o conhecimento e a técnica de construir e armar eram os eclesiásticos, monges, dentre outros ligados à Igreja. A partir do século XVIII, com a chegada do estilo Barroco, os presépios passaram a ser construídos nos salões das casas nobres das cidades e, depois, se expandindo a todas as casas. Quando não era possível ter um presépio glorioso, se fazia, em um canto da sala, a representação plástica apenas de uma imagem do Menino Deus na manjedoura (conhecida como lapinha). Essa devoção tem registro por volta do ano de 1300 (CARVALHO; 1996).

No ano de 1400, o modo de representação dos presépios foi modificando. Os presepistas começaram a construir e armar os presépios com figuras do cotidiano, novos materiais e técnicas para melhor apresentação dos mesmos. Nesta época pode-se notar uma forma artística e profissional na confecção das imagens, com detalhes perfeitos dos costumes e expressões de cada figura, seja ela humana ou animal e também na paisagem em geral. O presépio napolitano (Nápoles - Itália) é um desses armados de formas diferentes dos tradicionais, sendo o mais famoso do mundo por sua inovada representação.

¹ Artista que trabalha e dá forma ao barro.

Os presépios, desde o começo de suas representações, seguiram o estilo da arte na época. No começo das representações plásticas só tinham presépios com pouquíssimas figuras, rigidez e hierarquização nas formas. Com o passar dos tempos ele foi se adaptando ao estilo de cada época, tomando corpo e desprendendo² do tema.

Com a chegada do estilo Barroco, no século XVII, o presépio começou a ganhar pompa, brilho, cores vibrantes, apelos artísticos, uma riqueza gloriosa, nada que seja diferente das características do estilo. O presépio de fato começa a sair dos espaços sacros para adentrar nos salões das casas nobres, sendo aberto a visitação todos os anos no período correspondente ao natalício.

Os presépios napolitanos foram os primeiros a sofrerem influência do estilo barroco, pois, a cidade de “Nápoles tornou-se um importante centro produtor de presépios, a partir do século XVII, quando começa a articular as figuras e dar dinamismo ao cenário” (CARVALHO; 1996, p. 13). O presépio de Nápoles se tornou referência para toda a Europa, sendo copiado pelos países cristãos. Com o estilo barroco surgem os primeiros presépios de nicho³, os presépios de redoma de cristal e os presépios de lareira. Neste período, os presépios se popularizaram na Europa e em suas colônias.

Os autos e danças religiosas foram criados, no século X, a partir das representações da Natividade, todos realizados dentro dos espaços sacros. No século XIII, no concílio de Würzburg Inocêncio III os proibiu. Declarou serem pecados graves, (COT; 1976), por causa do rumo e proporções profanas que essas manifestações estavam tomando. Com a proibição, essas manifestações sacras saíram dos espaços internos da Igreja e foram para os arredores dela se tornando manifestações populares. Cot (1976) destaca essa passagem dos interiores para os arredores dos espaços:

(...). Proscritos do santuário, os dançantes foram para a praça, para o adro da Igreja (...). Apareciam nas peregrinações. Animavam as festas de santos. O culto com dança continuava também em movimentos cristãos fora do alcance dos decretos conciliares, e se mantém vivo até o presente. (...). (COT; 1976, p. 56).

Hoje em dia, essas manifestações fazem parte do ciclo natalino, em adoração ao Menino Deus. Encontram-se: os reisados, pastoris, ranchos, ternos de reis, etc., tanto em Portugal como no Brasil.

O PRESÉPIO EM PORTUGAL

O presépio em Portugal foi amplamente difundido pelos cristãos (BRAGA; 2000), sendo este o maior propagador por todas as suas colônias. Se tem notícias de um presépio construído no século XIV, pelas freiras do Convento Salvador, em Lisboa. Os presépios portugueses têm bastante influência dos napolitanos, talvez, por isso, são considerados os mais belos já produzidos.

Os presépios portugueses mais conhecidos e afamados, foram produzidos pelo escultor Machado de Castro, que criou e armou os presépios monumentais da Igreja da Sé Patriarcal e da Basílica da Estrela, ambas na cidade de Lisboa. Ele teve muitos seguidores na arte de criar e armar presépios monumentais nas igrejas. Um dos seus seguidores foi Antônio Ferreira, escultor que se destacou por fazer o presépio da Igreja da Madre de Deus, em Lisboa, sendo essa sua principal referência, além de outras encontradas em conventos e solares portugueses.

² Termo utilizado para expressar um salto na arte em relação: do simples para o rebuscado; do delicado para o chocante; do ameno para o vivo, termo utilizado preferencialmente no estilo Barroco.

³ Pequeno armário de madeira, envidraçado.

Por todo o país os trabalhos de Machado de Castro ficaram conhecidos e admirados. Pereira (1957), relata que, em Estremoz, vários barristas - bonequeiros sofreram influência da técnica de Machado de Castro:

Será fácil concluir que dos presépio de Machado de Castro e sua escola tivessem derivado os da olaria popular de Estremoz que passaram a fabricar-se na própria origem donde se tirava o barro. Da observação feita em exemplares dos presépios e suas figuras mais primitivas lá está a indumentária que é tôda século XVIII, e até as estilizações, as alegorias e os motivos cromáticos deram os traços barrocos às modelações. (PEREIRA; 1957, p. 96).

No século XVIII, o estilo barroco estava em alta, a teatralidade, as cores vibrantes, o desprendimento das figuras, eram características desse novo estilo que chegava. No presépio o barroco também se introduziu, mudou-se a forma de representação, das cores e a imaginação aflorava nos artistas. Machado de Castro incorporou o barroco em suas criações, fazendo assim dos seus presépios os mais vivos do mundo.

O PRESÉPIO NO BRASIL

A arte dos presépios foi transplantada para o Brasil com a vinda dos colonizadores e jesuítas portugueses (PEREIRA; 1957), no início do século XVI, que tinham a missão de descobrir novas terras para a Coroa Portuguesa e conseqüentemente a catequização dos gentios. O primeiro registro que se tem sobre esse tipo de representação no Brasil alude a um presépio plástico primitivo, feito de barro pelos missionários jesuítas. Nas missões, o presépio possuía uma função catequizadora, para mostrar aos gentios o nascimento de Jesus Cristo, o comportamento de um cristão e como eles deveriam se portar de modo geral diante da sociedade. Durante a Idade Média, o teatro era uma forma muito utilizada para passar a história da Natividade, não só para os fiéis como principalmente para as crianças. No Brasil o recurso do teatro de bonecos fora muito utilizado pelos jesuítas, como forma de aprendizado (MAIA; 2002).

Muitos dos jesuítas que aqui chegaram, tinham habilidades e técnicas para produzir presépios, sejam eles em madeira, barro ou outro material. Sempre nas missões, na época do Natal se armavam presépios para lembrar o nascimento de Jesus Cristo. Fernão Cardim, em 1583, fez um relato de sua viagem na época do Natal junto com uma missão jesuítica na Bahia: “Tivemos pelo Natal um devoto presépio, na povoação aonde algumas vêzes nos juntávamos, com boa e devota música, e o Ir. Barnabé nos alegrava com seu berimbau”, (Apud PEREIRA; 1957, p. 102).

Por todo o Brasil foram encontrados registros de presépios nas missões jesuíticas no século XVII. No Rio de Janeiro com Ir. Barnabé Telos, no Pará com Pe. Serafim Leite, no Recife e na Bahia, onde essa arte foi bastante difundida. Não só os jesuítas, mas os colonos portugueses recém-chegados trouxeram novas técnicas na arte de produzir e armar presépios, por exemplo: para o manejo do barro, trouxeram o torno e re-criaram o forno para cozinhá-lo.

No século XVIII, na Europa, a tradição dos presépios estava no seu auge máximo, enquanto que no Brasil ele começava a tomar forma. De meados do século XVII a meados do século XVIII, os artistas brasileiros recebiam encomendas de figuras para presépios e tinham por obrigação fazer cópias da arte européia. A partir do século XVIII, os artistas passaram a demonstrar suas habilidades e técnicas nas confecções das figuras. No Brasil, o presépio teve seu auge por volta do final do século XVIII a meados do XIX.

Durante o século XIX, o presépio brasileiro era representado de uma forma mais nacionalista possível, mostrando seu uso e costumes diários, com a apresentação de cenas do cotidiano brasileiro, desde lavadeiras carregando trouxas de roupas na cabeça, carro de boi,

danças regionais, trabalhadores e seus afazeres, até representação dos rios, montanhas, cidades e animais com bastante perfeição, cor e teatralidade.

O presépio era tido como status social. Quem detinha o maior poder aquisitivo armava gloriosos presépios em seus salões e abriam durante o Natal para a visita pública com rezas diárias, comidas típicas, danças e músicas. Quem não tinha um poder aquisitivo elevado armava em um canto da sala somente uma simples lapinha⁴.

O Natal no Brasil era muito festejado. A comemoração começava dia 24 de dezembro (noite anterior ao nascimento de Jesus Cristo)⁵ e ia até o dia 6 de janeiro (dia dos Reis), é o chamado ciclo das *janeiras* ou as *doze noites* (CARNEIRO; 1974). Em algumas regiões do país, como na Bahia, o ciclo natalino era festejado desde o início do mês de dezembro, indo muitas vezes até o Carnaval. Durante os dias do ciclo das janeiras, se adorava o Menino Jesus no presépio com rezas, apresentações de lapinhas, bailes pastoris e modinhas. O auge da festa acontecia na noite anterior ao nascimento do Menino Deus com a mesa farta, várias rezas cantadas, apresentações de bailes pastoris, cânticos de adoração ao Menino (loas), muitos convidados, a casa toda decorada com enfeites natalinos e flores.

No final do século XIX para início do XX, existiam muitas crendices acerca do presépio, principalmente no interior dos Estados, várias expressões eram ditas para quem costumava ou ia armar um presépio pela primeira vez, por exemplo: “Quem armar um ano terá que armá-lo sete anos seguidos, senão acontecerá uma desgraça” ou “Se armar presépio não casa, fica para tia” ou “O marido armará primeiramente sete anos, depois a mulher poderá armar outros sete anos”, (ARAÚJO; 1964, p. 161). Esta crendice popular sustentou por longo tempo a tradição em se armar presépio, que já estava desaparecendo das tradições populares.

Por muito tempo, o dia certo de desarmar o presépio era 2 de fevereiro. Neste período juntavam-se vizinhos que não puderam armar seus presépios, levavam seus oratórios e lapinhas para a reza na casa que acontecia o desarmamento do presépio. Araújo (1964) fala sobre esse dia, que ficou conhecido como *queima de palhinhas* ou *queimada de palhinhas*, que em alguns lugares do Nordeste ainda se conserva essa tradição no dia de Reis:

(...) a cerimônia que é bastante simples, reza e distribuição de café. O capelão do bairro dirige a reza. Retiram as ‘figuras’; umas são guardadas no oratório, outras, em caixas. A areia voltará para o rio, ou queimadas... talvez reminiscência do culto do fogo. (...). (ARAÚJO; 1964, p. 163).

Grandioso era o respeito que se tinha pelos presépios. O povo tinha prazer em decorar a casa e armar seus presépios durante as festividades natalinas. A tradição perdurou durante anos com a devoção ao Menino Deus e também com a crendice popular. Mas, conheceu seu declínio, a partir do século XX, com a introdução de uma outra cultura, a de montar Árvores, uma tradição alemã que tomou espaço através dos meios de comunicação e com a adoção dos norteamericanos pela Árvore. A novidade se propagou pelo resto do mundo com muita rapidez, não só com a ajuda dos meios de comunicação, como também do capitalismo.

O PRESÉPIO NA BAHIA

Na Bahia, a tradição do culto ao Menino Deus foi muito forte, sendo levada a sério pela população baiana. Havia todo um ritual ao fazer, armar e visitar um presépio. A casa em que se

⁴ Gruta, caverna, cova, lapa, onde o Menino Jesus nasceu. Cascudo; 1954, p. 349.

⁵ No século IV, o Papa Júlio I instituiu o dia 25 de dezembro como a data comemorativa da natividade de Jesus, separando sua celebração daquela da Epifania que continuou sendo festejada no dia seis de janeiro. Ele tomou por base o estudo do recenseamento do Império Romano ordenado por Tibério, cujas atas ainda existiam naquela época, mas que hoje estão desaparecidas. Carvalho; 1996, p. 10.

armava um presépio era considerado um lugar sagrado, um espaço para adoração, rezas e festas. Havia diferenças entre o presépio popular e o presépio das igrejas e conventos:

(...). Se nos domésticos muitas vezes se denotava aquela riqueza ornamental ao passo que nêles se manifestava tôda a fantasia imaginativa do povo, acrescentando-lhes sempre novas figuras – tipos e cenas que cada vez mais retratavam os costumes da terra -, nos das Igrejas e conventos eram mais realçadas as características de um gosto mais fino, duma composição mais equilibrada, alguns dos quais apresentavam verdadeiras obras de arte. (PEREIRA; 1957, p. 107).

Era comum as igrejas e os conventos receberem um grande número de fiéis na época do Natal, pois eles iam às igrejas para rezarem e visitarem os belíssimos e refinados presépios. Era também uma forma de demonstrar testemunho profundo da fé em Jesus Cristo.

No interior da Bahia, em vários municípios, como Feira de Santana, Candeias, Lençóis e dentre outros municípios, principalmente os do Recôncavo baiano, o presépio era acompanhado com muita festa, tendo a maioria das manifestações culturais de origem portuguesa, como: os bailes pastoris, a lapinha⁶, os ternos de reis, as pastorinhas, os reisados⁷ e também os nativos, como samba de roda, bailados, modinha, bumba-meu-boi e outras manifestações locais. Visitavam-se alguns presépios dos municípios, como uma romaria, em cada casa que paravam festejavam até o fim do banquete ofertado pelos donos da casa, depois iam com o dono da casa e seus familiares para outra, e assim iam visitando casa por casa, comemorando o nascimento de Cristo, deixando de lado as diferenças sociais e étnicas.

O desarmamento do presépio na Bahia era, e ainda é, o segundo dia mais festivo e importante de todo *as janeiras*, dia em que acontece a *queimada de palhinhas*, um ritual que até hoje se mantém presente no Recôncavo baiano. Como a maioria das casas armavam o presépio e enfeitava-o com folhagem (bananeira, coqueiro, palmeira, pitanga, são gonçalinho, mutá, dentre outras) e flores, com o passar do tempo essas folhas e flores começavam a ficar secas e a virar palhas. Os presépios de toda a cidade, inclusive o da igreja, eram desarmados no dia 6 de janeiro, no começo da noite. Era feita uma enorme fogueira onde colocavam as palhas que estavam nos presépios para serem queimadas. Em volta do fogo tinha uma reza cantada em forma de verso dirigida pelo padre e pelas pastorinhas da cidade. No final da reza, do ritual propriamente dito, começavam os festejos em comemoração ao dia dos Reis, com samba de roda, pastoris⁸, reisados, ternos de reis, maculelê, capoeira, cheganças, ranchos, dentre outras manifestações culturais da região. Essa festança levava a noite inteira, só terminando na manhã do dia seguinte.

Duas fontes fortes de produção de presépios na Bahia foi o Convento de Nossa Senhora do Desterro, em Salvador, e o Convento de Nossa Senhora dos Humildes, em Santo Amaro da Purificação. Estes dois conventos tiveram seu período de fama no século XIX e XX, produzindo belíssimos presépios confeccionados pelas freiras e internas.

O Convento de Nossa Senhora dos Humildes, em Santo Amaro da Purificação, produziu presépios com formas variadas e diversos tipos de materiais, como papel de ouro e até a utilização de pedras preciosas. Braga (2000) destaca esses materiais que deram beleza e riqueza aos presépios confeccionados pelas freiras e internas do Convento:

⁶ Denominação popular do pastoril, com a diferença que era representada a série de pequeninos autos, diante do presépio, sem intercorrência de cenas alheias ao devocionário. Cascudo; 1954, p. 516.

⁷ (...). Reisados começam pelo Natal e se prolongam até o dia de Reis.” “Um auto teatral, onde o povo do Reisado é dirigido pelo Mestre do Reisado, o auto consiste em uma batalha entre dois oponentes. Cascudo; 1954, pgs. 37, 619.

⁸ De Estado para Estado do Nordeste, varia a denominação dessa atividade garrida: pastorinhas, presepes, baile pastoril ou apenas ‘baile’. Pastoril, é, portanto, um rancho alegre de meninas que, ano após ano, entoam nas visitas aos presepes e no tablado (palco) em praça pública, loas ao Deus Menino. (...). Araújo; 1964, pgs.173-174.

Característica marcante dos trabalhos dos humildes são as flores de papel de ouro, enriquecidas com lantejoulas metálicas e pedras coloridas, formando palmas e grinaldas de uma beleza e delicadeza tais que, à primeira vista, dão-nos a impressão de filigrana. (BRAGA; 2000, p. 59).

Um fato curioso no Convento dos Humildes é a criação de besouros nos fundos do convento, onde, depois de crescidos, as freiras retiravam as asas (nacaradas) para uso decorativo nos presépios, dando ainda mais leveza e vivacidade às peças. As representações mais produzidas eram o Menino Deus da montanha ou da Lapa e o Menino Deus na caminha (BRAGA; 2000); muitas vezes essas peças vinham em cima de uma peanha⁹. Com o tempo houve a necessidade de se colocar nas peças produzidas redoma de vidro ou de cristal, para uma melhor preservação da mesma.

O Convento de Nossa Senhora do Desterro, em Salvador, foi um dos conventos femininos que mais fizeram fama na Bahia. As freiras eram conhecidas pelos seus exímios doces e suas dedicações totais ao Menino Deus. As freiras do Desterro, de regra franciscana, faziam desde as vestes do Menino até as jóias e flores que adornavam-no. Braga (2000) destaca a herança deixada por essas freiras, para as suas sucessoras:

As atuais ocupantes do convento do Desterro herdaram das suas predecessoras, a habilidade nos trabalhos manuais, e uma belíssima coleção de objetos de arte, testemunho de um passado faustoso, onde sobressaem os belíssimos Meninos Deus, alguns conservados em suas redomas de vidro, preservados em toda a sua beleza original. (BRAGA; 2000, p. 57).

Hoje em dia, encontramos alguns presépios feitos por esses famosos conventos, onde se pode apreciar a beleza e a delicadeza em que foram confeccionados, a exemplo dos museus de Salvador e do interior. Os presépios produzidos por esses conventos não eram só de mesa e sim de diversos tipos: oratório, maquina, redoma de vidro, nicho, imaginária, dentre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desejo de se manter presente na cultura e na memória do povo baiano a tradição dos presépios, instituições e pessoas preocupadas com o seu desaparecimento começam a guardar (com fins museológicos) exemplares de presépios.

A tradição dos presépios, que levou séculos para se firmar, hoje, perde seu posto para uma outra cultura, a 'Árvore de Natal'. Precisa-se preservar esta tradição a fim de mostrar as futuras gerações essa cultura e também propagá-la como uma das raízes da tradição religiosa do povo baiano.

Alguns museus baianos preservam e expõem para o público esta tradição, a fim de contar a história do mesmo, como ele chegou ao Brasil e à Bahia, e como se sustentou durante séculos na cultura e na religiosidade do povo baiano. Encontram-se exemplares desta arte no museus de Salvador: Museu do Presépio, Museu Abelardo Rodrigues, Museu Henriqueta Catarino, Museu de Arte da Bahia e Museu Carlos Costa Pinto; e nos museus do interior: em Santo Amaro, o Museu dos Humildes, onde são encontrados belíssimos e trabalhados presépios baianos.

⁹ Base ornamental que sustenta muitas vezes uma imaginária, podendo ou não ficar sobre uma base fixa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore Nacional: festas, bailados, mitos e lendas*. V.1. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: EDUNB, 1993.

BRAGA, Sidney Simons. *O Salvador Menino: expressões artísticas de uma tradição: Culto ao Menino Deus na Bahia*. Salvador: Fundação Gregório de Mattos, 2000.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARNEIRO, Edson. *Folgedos tradicionais*. Rio de Janeiro: Conquista, 1974.

CARVALHO, Vânia Bezerra de. *Presépio: religião & arte no Recôncavo*. Dissertação de Mestrado EBA/UFBA. Salvador: UFBA, 1996.

CASCUDO, Luíz da Câmara. *Antologia do Folclore Brasileiro*. 2ª ed. São Paulo: Martins, 1954.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.

COX, Harvey. *A festa dos foliões: um ensaio sobre a festividade e a fantasia*. Petrópolis: Vozes, 1974.

MAIA, Urânia Auxiliadora Santos. *Contando estórias, fazendo história: os caminhos do teatro de bonecos em Salvador*. Dissertação de Mestrado TEA/UFBA. Salvador: UFBA, 2002.

PEREIRA, Carlos José da Costa. *A cerâmica popular da Bahia*. Salvador: Progresso, 1957.

XIMENES, Sérgio. *Minidicionário Ediouro da Língua portuguesa*. 2ª ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2000.